

Ano 1.º

2.ª Série

Abril de 1916

N.º 4 (56)



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — ISMAEL PIMENTEL

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

Cais do Sodré, 88

Tip. — R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

EM GUERRA

PALAVRAS AO VENTO

Ha cerca de dois anos que assistimos, petrificados, á maior das carnificinas em que os povos jámais foram envolvidos, e dizem-nos as inspiradas gazetas burguesas que Portugal tambem vai entrar nessa dança macabra em que as classes dominantes envolveram os pachorrentos povos.

Subdivididas as opiniões e as sympathias quanto á *razão* de qualquer dos combatentes na luta feroz em que se empenhou, **A Sementeira**, como mensageira de uma sociedade de paz e de social fraternidade, não tem manifestado mais do que horror pela canibalesca e condenavel acção em que os homens se deixaram envolver, aniquilando-se e dizimando-se aos milhões.

Que Portugal se lance agora na hedionda contenda, a nossa conduta nada tem a modificar-se na trajetória que havíamos delineado quando nos propuzemos espalhar um pouco dos sociologicos e humanos conhecimentos adquiridos. Eramos contra a guerra e ainda detestamos a guerra; por mais civilizadora que no-la queiram apresentar, não lhe achamos justificação possível. Semeadores de um ideal de bondade e de amor, jámais poderemos defender a suprema, a mais perversa incarnação do mal. A vil acção de matar não se coaduna com o nosso pensamento, nem com o nosso sentimento um tanto filhos das nossas condições e da nossa educação.

Somos pelo bem, somos pela paz; não odiamos ninguem para que lhe desejemos a morte immediata, cruel, sanguinaria.

Á medida que passam os dias e os meses e se observa a forma como o proletariado se comporta em face do tremendo conflito que há ano e meio se desenrola pela Europa, invade-nos, pouco a pouco, uma tristeza, um desalento a que difficilmente se resiste.

Não significam estas palavras, e as que se seguem, censura ou ecisa parecida, pois nada há que censurar; e que houvesse, nunca, por varios motivos, assumiriamos o papel de censor. O que está acontecendo é uma consequencia logica de factos anteriores, do estado mental da população portugueza, das suas condições economicas e politicas.

Se entre o proletariado há, como noutras classes, quem tenha procurado orientar e agir no bom sentido, constitui isso a excepção, e muito fraca, para se ter podido impôr, até agora, á massa geral, vitima de todas as más condições em que tem vivido. Dentro do seu campo de acção, os trabalhadores não podiam deixar de reflectir as qualidades e os defeitos da raça — se assim me posso exprimir — não podiam deixar de ser portuguezes.

Nós somos assim! Vivemos de cabeça no ar, ao sabor dos ruidos que de todos os lados nos chegam, numa mobilidade de pardal, sem poder de attenção demorada, sem gosto, portanto, para procurar conhecer a significação e o alcance dos fenomenos, não compreendendo ou não sentindo interêsse pelo que não faz barulho, achando uma maçada êsse interêsse e maçadores o que o sentem. Isto deve ser defeito de raça, agravado com uma triste educação, durante muitos anos dada pelo-